

19/7/93

Portugal destinou este ano 2,5 milhões de contos ao processo de paz moçambicano

O ministro português da Defesa, Fernando Nogueira, declarou que Portugal vai gastar em 1993 com o processo de paz moçambicano um total de 2,5 milhões de contos.

O ministro justificava assim no Dondo, perto da Cidade da Beira, aos soldados do destacamento do Batalhão de Transmissões (BT4) que ali se encontram, as limitações que Portugal tem na satisfação de algumas das suas pretensões.

Na ocasião, os militares pediam abastecimentos mais frequentes vindos de

Portugal e transportes directos em aviões fretados para férias.

A este respeito, Fernando Nogueira explicou que um único voo de reabastecimento de um «C-130» custava 15 mil contos e que tais voos só poderiam ter lugar de dois em dois meses.

A avaliação pelo ministro português dos gastos de Portugal com o processo de paz moçambicano dizem respeito não só ao batalhão português da Onumuz, mas também à formação do novo Exército único de Moçambique, que Fernando Nogueira declarou há dias atrás ir custar em 1993 ao Estado Português 900 mil contos.

Recorde-se que os primeiros cinco oficiais da missão militar portuguesa, chefiados pelo brigadeiro Albuquerque Gonçalves, que vão participar no processo de criação das Forças Armadas únicas de Moçambique, chegaram já a Maputo na última quarta-feira.

O responsável pela pasta da Defesa portuguesa aproveitou a deslocação que fez aos destacamentos do BT4 em Nampula e no Dondo para efectuar uma pequena operação de aproximação aos militares da Renamo.

Nesse segundo dia de visita, o ministro viajou no avião «Falcon» da Força Aérea Portuguesa acompanhado, para além da sua comitiva, pelo general Mateus Ngonhamo, da Renamo, e pelo coronel Mathe, do Estado-Maior do Exército governamental.

A participação conjunta destes dois militares dos

campos em disputa em Moçambique é, segundo os observadores, inédita.

Nove meses depois de iniciado o processo de paz, pela aplicação dos acordos de Roma, a Renamo e o Governo moçambicano continuam a olhar-se com desconfiança, patente nas dificuldades em reunir o presidente Joaquim Chissano e o líder da Resistência Nacional Moçambicana, Afonso Dhlakama.

Em Nampula, (primeira etapa de terça-feira), o general Ngonhamo, que representa a Renamo na Comissão para a Formação das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (Ccfadm), foi saudado com a continência pelos oficiais governamentais que esperavam o ministro português, mas nunca

retribuindo a saudação, limitando-se a apertar a mão aos antigos inimigos.

Um certo gelo só quebrou na segunda etapa, na Beira, durante a qual o general Ngonhamo conversou amavelmente com vários oficiais governamentais, nomeadamente com o comandante militar provincial de Sofala.

Os militares portugueses visitados pelo ministro luso fazem parte dos 278 efectivos do BT4, que se encontram divididos em três destacamentos, assegurando o sistema de comunicações da Força da Onumuz.

Esta divisão corresponde às três regiões militares em que se encontra repartida a Força das Nações Unidas comandada pelo general brasileiro Lélío Gonçalves.

O destacamento de Nampula, instalado parcialmente num antigo edifício militar junto ao aeroporto, é constituído por uma companhia com um efectivo de 68 homens, à volta do qual se encontram também tropas da Onumuz, do Bangladesh, e do Exército governamental.

A companhia de 79 homens estacionada no Dondo encontra-se nas instalações da Fábrica de Lusálites, alugadas para o efeito pelo Governo português.

Segundo as normas da Onumuz, esta só paga o aluguer de espaços a descoberto, o que não acontece com o destacamento de Dondo, que possui casas de alvenaria com sanitários.